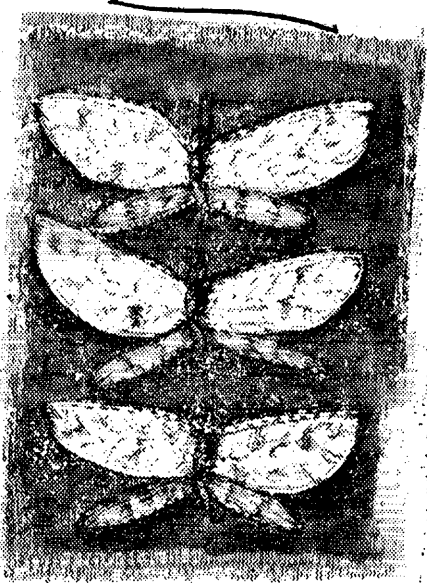


Sen.
José Sarney



Os Maribondos de Fogo

Sarney lança livro no Rio e afirma que a política precisa um pouco de poesia

"A política ao mesmo tempo que é um sonho, é uma realidade. A política precisa ter um pouco de poesia", disse ontem o presidente nacional da Arena, Senador José Sarney, que lançou, na livraria Muro, o seu livro de poesias **Maribondos de Fogo**, autografado para cerca de 100 pessoas.

Para o político José Sarney, a reforma partidária trará de volta a questão da legitimidade do Poder, "o Brasil necessita que cada Partido seja legítimo, e o Governo só pode ser legítimo tendo um só Partido que lhe dê apoio, seja solidário e possa criar lealdade entre ambos".

SEM MEDO

O presidente da Arena se considera roubado pela política, "pois tinha um destino literário a cumprir e de um certo modo a política não permitiu que o realizasse". Comentou ainda que no Maranhão, seu Estado, "aos 18 anos todo mundo deve fazer versos. Quem não faz poesia é que realmente não vai dar para nada".

— Sou um poeta bissexto. Não tenho medo da crítica literária. Na realidade, a poesia para mim é uma fuga e ao mesmo tempo um chama-

mento. É uma necessidade e faz um pouco parte da minha vida.

O primeiro exemplar autografado pelo Senador José Sarney foi para a mulher do Ministro Hélio Beltrão, dona Maria. Estiveram presentes também ao lançamento do seu livro os escritores Austregésilo de Ataíde e Josué Montelo, a ex-Deputada Ivete Vargas, o ex-Governador Eugênio Barros, o presidente da Arena fluminense, Deputado Alair Teixeira e o diretor do Projeto Carajás, Vicente Fialho.

Poesia; sublegenda

Felix de Athayde

Político e poeta como Goethe, José Sarney — seguindo o conselho do gênio de Weimar — também faz poemas de suas dores. Afirmando: esse Senador pelo Maranhão, por mais realista que seja como político, é um homem angustiado, desesperado e desesperançado. Afirmando e provo: "Irmãos! Não me julgueis pelo bonde da minha infância que matei! porque eu o amava e o matei! como se não mata o amor, mas! pelo indesejo da morte."

José Sarney é um político bem-sucedido, mas não é um ser humano bem-sucedido. Tudo em seus poemas são frustrações, desencantos e alguns rancores. Provo: "Dona Sérgia! eu te beijo cerzideira! que me carregou de amor quando os outros me cuspiam!". Ou: "Por ódio de que eu quis! matar a tudo e matei!"

Detrás dos bigodes brancos e dos mandatos eletivos, José Sarney é um menino amargurado com o passar do tempo. O tempo que tudo apodrece e azeda ("De repente o tempo estava podre! e tinha cheiro azedo de garapa"); o tempo que tudo desfaz ("jacintos, rosas, montanhas! amor, quebrantos, maranhas"); o tempo que silencia a vida, por mais mecânica que seja ("...as moedas paradas! silentes não rangem mais").

Notável é que esse homem de sucesso não se tenha desumanizado e, fato raro em nossa vida política, escreva poesia e publique suas dores. Coragem humana que poucos políticos possuem.

Claro está que na vida de José Sarney a poesia é como uma espécie de sublegenda, só utilizada quando, na mesma pessoa, o homem e o político se desentende. Daí, não se poder afirmar que José Sarney é um poeta e pronto. Sua poesia é expressão, isto sim. Talvez domine mais a técnica: metrificacão de Romanceiro, enumeração caótica, versos brancos mais soltos que contidos. Em alguns poemas, o deslumbramento quase oratório e retórico desfaz a temática em "águas moles". Em outros revida o poeta que José Sarney poderia ter sido se não fosse político, com imagens que queimam o leitor como maribondos (variante fonética de marimbondo) de fogo: "e sua raiz já voa! em branca espiga de milho". Ou: "Matei o cachorro e o medo! que me latindo eu buscava". Ou: "Cinzas montanhas de amargo". Ou: "este corpo ainda corpo! quente corpo de seu corpo".

Como o mandato de poeta não se extingue, há esperanças de que José Sarney — como Goethe que, desencantado com Napoleão, abjurou da política — ainda nos dê um livro de poemas bem construído. Pois não é necessário que o mundo seja bem construído para que a poesia não o seja. José Sarney, OS MARIBONDOS DE FOGO, poesia, 99 págs. Editora Artavena.